

II O DIAGNÓSTICO EM ORIENTAÇÃO VOCACIONAL

Contribuição para uma teoria da estratégia diagnóstica

"Em ciência, pelo menos a metade da batalha está ganha, quando começamos por formular as perguntas corretas."

G. Miller

Este trabalho pretende ser uma contribuição à sistematização de dados que, freqüentemente, são empregados na elaboração do diagnóstico e prognóstico da problemática vocacional dos adolescentes.

Venho submeter-me ao teste

Esta é a maneira pela qual muitos adolescentes respondem à pergunta "o que o traz aqui". Não é difícil entender que, quando o adolescente solicita uma entrevista de orientação vocacional, a expressão condensa um autodiagnóstico prévio (fantasia de enfermidade) e uma definição de como enfrentar sua dificuldade (fantasia de cura).

Quem lida com adolescentes não tardará em descobrir que, neste caso, o teste é um instrumento dotado de poderes mágicos, capaz de resolver o problema da escolha do próprio futuro. O depositário maciço das próprias fantasias onipotentes no teste não é um processo que afeta só ao adolescente, mas a muitos psicólogos, os quais transferem a esse instrumento a tarefa assistencial, para a qual seus serviços são requeridos.

No campo da orientação vocacional existem duas modalidades estratégicas, táticas e técnicas, que resumimos sob as denominações de

modalidade estatística e modalidade clínica (veja-se pág. 29 e seguintes).

Analisaremos, aqui, a tarefa diagnóstica em Orientação Vocacional, no contexto da modalidade clínica.

Esta modalidade define-se sobre a base de uma *estratégia*, uma *tática* e uma *técnica*. A estratégia refere-se a uma síntese interativa entre o ver, o pensar e o atuar sobre as situações que são objeto da entrevista. O segundo momento (pensar) é o que, em outros termos, podemos chamar de momento diagnóstico. Desenvolve-se durante todo o processo da entrevista.

Não obstante, pode-se diferenciar entre o diagnóstico ou compreensão, que ocorre durante todo o processo de orientação, e o primeiro diagnóstico realizado pelo psicólogo, ao qual se atém para formular as hipóteses relativas ao caso e esboçar um planejamento operacional do processo.

Concentrar-nos-emos, principalmente, em considerações relativas à *estratégia* do primeiro diagnóstico, dando por conhecidas as características estruturais das diferentes *técnicas* diagnósticas (técnicas projetivas e psicométricas).

O primeiro diagnóstico

Deste modo, denomina-se a compreensão que o psicólogo pode atingir a respeito da pessoa que se propõe assistir. O primeiro diagnóstico é uma resposta às seguintes perguntas:

“Quem é esta pessoa?”, “que acontece com ela?”, “por que escolher uma carreira, ou um trabalho, traz-lhe dificuldades?”. Da resposta a estas perguntas dependerá que o psicólogo decida ou não tratar de ajudar a quem lhe pede e, ao mesmo tempo, dar uma primeira definição dos obstáculos que deverão ser eliminados antes do jovem poder chegar a uma decisão em relação ao seu futuro.

Portanto, do primeiro diagnóstico surge um *prognóstico* relativo à “orientabilidade”⁽¹⁾ do entrevistado e é através dele que o psicólogo poderá formular uma estratégia relativa à tarefa que empreenderão juntos.

(1) Este termo foi criado por analogia a “analisabilidade”, que é empregado pelos psicanalistas para se referirem à possibilidade de um paciente aceitar a abordagem analítica e obter benefícios dela.

A explicitação do psicólogo sobre a estratégia ou projeto de trabalho em comum constitui o *conjunto de instruções* e esta, junto com a fixação de extensão, horários, honorários e papéis nesse trabalho em comum, o *contrato* de trabalho.

Como se pode ver, o primeiro diagnóstico assume uma importância fundamental e da eficácia de sua realização depende que o trabalho futuro não conduza a um procedimento arbitrário e caótico.

Torna-se necessário salientar que o primeiro diagnóstico nada mais é que uma aproximação, uma tentativa sujeita a contínuas reformulações.

Por outro lado, o primeiro diagnóstico requer um enfoque funcional em que, mais que o rótulo, é importante o esclarecimento da dinâmica interna do entrevistado.

Evidentemente, a dinâmica interna compreende não só os conflitos e dificuldades referentes à escolha de uma carreira ou trabalho, mas à pessoa toda. Talvez por isso, a maior dificuldade que um psicólogo enfrenta não seja a de fazer um diagnóstico de personalidade, mas um diagnóstico relativo à *problemática vocacional*. Com isto estamos antecipando que duas pessoas com a mesma estrutura de personalidade não têm, necessariamente, o mesmo diagnóstico quanto a seus problemas vocacionais. Do mesmo modo, o maior ou menor grau de “saúde” pessoal não se correlaciona, ponto por ponto, com um maior ou menor grau de conflito vocacional. Poder-se-ia inferir, do que ficou dito, que os problemas vocacionais não se relacionam com os problemas de personalidade, mas tal não é verdade. O que ocorre é que os problemas vocacionais são um tipo específico de problemas de personalidade e os limites — embora não sejam rígidos — existem, e é necessário considerá-los.

Problemas vocacionais são todos aqueles que envolvem pôr em jogo mecanismos de decisão frente a opções ocupacionais e, por mais que consideremos que a decisão, a opção, a discriminação e a escolha sejam componentes universais do comportamento humano, a escolha de um modo de vida relacionado a papéis ocupacionais é, pelo menos hipoteticamente, demarcável quanto às escolhas de modos de vida que não implicam em papéis ocupacionais.

Não negamos que a personalidade funciona como um todo integrado (quando é sadia). Mas, o critério de totalidade não implica no de homogeneidade das partes. E é precisamente, a heterogeneidade que nos permite falar de problemas de estudo, familiares, grupais; vocacionais, ideológicos, etc., num adolescente. Evidentemente, são níveis diferentes

de análise que, tais como quadros de referência, permitem-nos situar a problemática *pessoal* (de uma personalidade integrada, estruturada, mutante, total, heterogênea, conflitiva) como problemas de orientação vocacional.

A primeira entrevista

O objetivo fundamental da primeira entrevista é a elaboração do primeiro diagnóstico; eventualmente, a formulação do contrato de trabalho e, também eventualmente, no encaminhamento do entrevistado para outro tipo de atendimento.

Não é este o momento de examinar a técnica de manejo da primeira entrevista. Considerados os seus fins (primordialmente diagnósticos), esta facilitará um tal nível de comunicação que permita, ao psicólogo, compreender o cliente, e a este, compreender o modo pelo qual trabalharão juntos no futuro. Evidentemente, a primeira entrevista é uma *entrevista*, não um interrogatório, daí assumir um caráter aberto. Portanto, deve-se evitar que as perguntas formuladas pelo psicólogo impeçam (por sua quantidade, qualidade e oportunidade) a visão de como se configura a situação do entrevistado.

Partimos do pressuposto, sustentado pela teoria da informação, de que o modo como o entrevistado configure a primeira entrevista depende de *decisões* que, consciente ou inconscientemente, tome no decurso da mesma. Uma análise profunda da primeira entrevista permite-nos identificar o tipo de decisões tomado pelo entrevistado para configurar uma situação ambígua. Além disso, como a situação é nova e integrada por um profissional universitário, não é absurdo supor que seja possível identificar (interpretar), na análise da primeira entrevista, *como o entrevistado configura uma situação nova, na qual está implicado outro, como profissional, sobre a base de uma série de decisões*. Isto é o que converte a primeira entrevista na viga mestra do primeiro diagnóstico vocacional do entrevistado.

É de primordial importância a análise da *primeira proposição* formulada pelo entrevistado. Condensa-se, aí, toda a sua problemática vocacional. Sua interpretação não é fácil, como não é nosso propósito convertermo-nos em equilibristas, apoiando-nos em um só dado. Afirmamos, tão-somente, que quanto mais a fundo realizemos sua análise, tanto mais dados obteremos para formular o primeiro diagnóstico (V. Pittenger, Hockett e Danehy 34).

Habitualmente, os entrevistados falam na primeira entrevista, de sua relação com os estudos, das matérias do secundário, preferências e antipatias, relações com os companheiros e professores, opiniões da família sobre seus projetos para o futuro, opiniões sobre si mesmo que tenham ele próprio e os outros, expectativas diante da orientação vocacional como processo, dados vitais, pessoais, familiares, etc. No caso de não falar espontaneamente desses temas, costumamos interrogá-los sobre os mesmos, sob formas que variam de acordo com cada entrevista, quanto à oportunidade, quantidade e qualidade das perguntas. Em geral, são breves, claras, concisas e não direcionais (do tipo "Qual a opinião de sua família sobre seus projetos" ou "Como se saiu você na escola secundária").

Ao final da primeira entrevista, estabelece-se o *contrato*. Este só pode ser feito se já se tem certa clareza quanto ao primeiro diagnóstico. Se tal ainda não se deu, convém contratar um pequeno número de entrevistas, afim de se completar esse primeiro diagnóstico.

Nessas entrevistas pode-se aplicar testes psicométricos e/ou projetivos, que adquirem, neste contexto, o valor instrumental que realmente têm. São, e assim deve ser explicado ao entrevistado, instrumentos *para o psicólogo*, não agentes mágicos na solução dos problemas. Utilizamos, às vezes, a seguinte analogia: "Assim como o médico pode necessitar de uma radiografia para melhor saber o que se passa com o paciente, sem pretender que a radiografia lhe cure a dor de estômago, também o psicólogo usa os testes que, *por si mesmos*, nada resolvem. Somente ajudam o psicólogo a saber bem mais, o que se passa com um adolescente".

A elaboração do primeiro diagnóstico

Como já antecipamos, a elaboração do primeiro diagnóstico efetua-se sobre os dados colhidos na primeira entrevista ou, em casos especiais, nas primeiras entrevistas. Caberia, na realidade, dizer "sobre os emergentes" em lugar de "sobre os dados", uma vez que o que interessa não é fazer um perfil do cliente e de sua vida passada, que possibilite incluí-lo num quadro nosográfico, mas compreender a dinâmica predominante na situação atual que o mesmo atravessa, seus pontos de urgência e configurações conflitivas. Ou seja, interessa tanto, ou mais, o *contexto* e *subtexto* da entrevista, que o seu *texto*.⁽²⁾

(2) Os termos texto, contexto e subtexto equivalem, aproximadamente, a "o que diz e faz"; "quando, onde, com quem diz e faz" e "por que, para que o faz". Em termos de comunicação, referir-se-ão às relações semânticas, sintáticas e pragmáticas da mensagem com a situação e a história pessoal do entrevistado.

A elaboração do primeiro diagnóstico vai se estabelecendo à medida que transcorre a primeira entrevista. Só assim será possível estabelecer o contrato, ao final da mesma. (Reiteramos que o primeiro diagnóstico é só uma tentativa.) O fato de que o primeiro diagnóstico se efetue durante o transcurso da entrevista implica em que o psicólogo deve ter o treinamento suficiente para "ir lendo" o que possa estar sucedendo ao entrevistado no âmbito vocacional. Deste modo, o esquema para a elaboração do primeiro diagnóstico que propomos deve ser entendido, tão-somente, como:

- a) uma tentativa de sistematizar nossa experiência pessoal;
- b) um padrão de referência amplo ou enquadre interno do psicólogo, mais do que um padrão teórico definitivo;
- c) itens que assinalam parâmetros de interpretação do contexto e do subtexto, a que nos referimos.

Num trabalho anterior (8), ressaltamos que o conceito de identidade era suficientemente inclusivo para permitir-nos melhor compreender os problemas em torno da escolha de uma carreira ou de um trabalho. Destacamos, então, que a identidade vocacional era "a auto-percepção, elaborada ao longo da vida do sujeito, em termos de trabalho ou de estudos" (donde os "problemas" de orientação vocacional refletem obstáculos não superados durante seu desenvolvimento) e que sua gênese, interativa com o desenvolvimento da identidade pessoal, compreendia processos que a Psicologia havia analisado sob os conceitos de gênese do ideal do ego, identificações com ele nos grupos familiar e de pares, identificações sexuais, estilo de vida, nível de aspiração, implicações do ego (Sheriff e Cantrill), etc.

Dissemos, também, que, na medida em que seu caráter era tetradi-dimensional, integrava aspectos do passado, presente e futuro do adolescente e que, quanto à maior ou menor acessibilidade a uma boa escolha, era importante considerar a passagem, do sujeito, de *identificações com, para identificar-se e identificar* (Lagache 27). Isto supõe um grau de integração interior que só se consegue mediante a elaboração ou reelaboração de relações objetivas passadas, que possibilitem ao adolescente identificar-se com (seus gostos, aspirações, estilo pessoal, possibilidades) e, ao mesmo tempo, identificar (profissões, estudos, trabalhos).

Crítérios para a elaboração do diagnóstico

Os critérios para o diagnóstico, que propomos, procuram facilitar a compreensão da identidade vocacional do entrevistado.

São eles:

- a) Manejo do tempo.
- b) Momento em que o jovem se situa quanto ao processo de decisão.
- c) Ansiedades predominantes.
- d) Carreiras como objetos e suas características.
- e) Identificações predominantes.
- f) Situações que o jovem atravessa.
- g) Fantasias de resolução.
- h) Deuteroeleição.

a) MANEJO DO TEMPO

A escolha não é um momento estático no desenvolvimento de uma pessoa. Ao contrário, é um comportamento que se inclui num processo contínuo de mudança da personalidade. Embora, como observadores externos, possamos analisar a dimensão temporal em três momentos (passado, presente e futuro), do ponto de vista do sujeito, o tempo não é uma sucessão ordenada, mas uma dimensão de certo modo "construída" a partir de cada presente. Conhecemos as implicações, não só psicológicas, mas filosóficas desta proposição. Entretanto, após a análise dos processos transferenciais e das proposições de Lewin quanto à "a-historicidade" do comportamento (para não citar além de duas fontes de dados), não nos devemos surpreender diante do fato de que o tempo é "instrumentalizado" pelas pessoas, que podem atualizar o passado, postergar o presente, fazer do futuro o passado e qualquer outra modificação. O psicólogo clínico está habituado a considerar estas "construções" em qualquer entrevista, bem como as "destruições" e "reconstruções" temporais.

No caso da problemática vocacional, torna-se significativo o tipo de manejo do tempo feito pelos adolescentes. Suas colocações podem centrar-se no presente, no passado, ou no futuro, ou em vários sentidos. Além disso, a dimensão temporal pode ser "estirada" ou "encolhida", para dizê-lo de algum modo. Em ambos os casos pode se dar uma maior ou menor adequação ao tempo real e é importante detectar este fato, pois *toda escolha implica num projeto* e um projeto nada mais é do que uma estratégia no tempo.

Por outro lado, o tempo é valorizado e desperta, no entrevistado, relações de tipo ambivalente ou divalente, convertendo-se ou não, segundo o tipo de relação implícita, num obstáculo para a escolha.

Por sua vez, o tempo "convencional" (passado, presente e futuro) pode se converter em depositário de aspectos da pessoa, que certamente o adolescente introjetará antes de formular um projeto realista.

Frases do tipo "Antigamente era melhor", "Não há mal que sempre dure", "Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje", "Vamos dar tempo ao tempo", "O tempo é dinheiro" da linguagem corrente, revelam-nos, ainda que numa análise superficial, que a dimensão psicológica do tempo transcende, pelo contexto afetivo implícito, o nível convencional em termos de dias, meses e anos.

Por seu turno, para o adolescente, o passado é o colégio secundário, os colegas, seus aspectos infantis, as relações familiares, etc. Numa palavra, seu "mundo conhecido". O futuro é a universidade, a "responsabilidade" social, o esforço pessoal, a independência familiar, etc. Numa palavra, o mundo adulto.

b) MOMENTOS PELOS QUAIS O ADOLESCENTE PASSA

Entendemos, por momento, as operações que caracterizam a elaboração do comportamento numa situação de mudança. Há três momentos: o de *seleção*, o de *escolha* e o de *decisão*.

Do ponto de vista dinâmico, o momento de seleção coloca em jogo a função (do ego) de discriminação.

Discriminam-se tanto objetos externos como internos e a discriminação se realiza *entre* objetos externos e internos. O fracasso da função de discriminação pode conduzir tanto a projeções como a introjeções maciças, que se traduzem num "não poder ver" e "não poder se ver".

Se a patologia da escolha se dá no momento de *seleção*, possivelmente, o adolescente manifestará algum destes comportamentos: indiferença (as carreiras, as profissões são equivalentes e intercambiáveis) e confusão quase absoluta quanto a classificações afetivas (Bruner 10) que faz das carreiras e profissões.

O momento de escolha implica não só num reconhecimento seletivo, como no anterior, como também no estabelecimento de vínculos diferenciais com os objetos. Neste momento, acha-se comprometida a função do ego quanto à capacidade de estabelecer relações satisfatórias e relativamente estáveis com os objetos.

As alterações deste momento caracterizam-se, fundamentalmente, por bloqueios afetivos ou, pelo contrário, por "namoros" maníacos com uma ou outra porção da realidade ocupacional. Como se vê, o fracasso reside na possibilidade de estabelecer relações afetivas estáveis

com alguns objetos previamente selecionados. Este fracasso revela rupturas mais ou menos permanentes nas relações objetais do sujeito.

O momento de *decisão* compromete um projeto de prazo relativamente extenso e, portanto, componentes de ação ligados à função (do ego) de regulação e controle dos impulsos. A possibilidade de decidir está estritamente ligada à possibilidade de suportar a ambigüidade (todo futuro o é, de certa forma), de resolver conflitos, de postergar ou graduar a ação, de tolerar a frustração, etc.

Mas, de acordo com nossa experiência, o fundamental quanto à possibilidade de tomar uma decisão caracteriza-se pela elaboração de luto. Neste caso: luto pela adolescência, pelos antigos projetos, pelas escolhas fantasistas, por tudo o que *não* se decide, quando o adolescente decide-se por alguma coisa.⁽³⁾ Concordamos com Grinberg, quando afirma (19) que "a ânsia de se completar através da recuperação dos afetos que se sente perdidos constitui uma das expressões mais definitivas dentro do quadro da elaboração do luto pelo ego". A escolha da carreira seria — a nosso ver — um caso especial desta "ânsia" de complementação. Uma análise dinâmica da escolha não pode contornar a análise do tipo da perda do ego implicada e as modalidades pelas quais o sujeito tenta sua elaboração. Um sujeito pode escolher a mesma carreira em dois momentos diferentes e sua decisão, ser "boa" num deles e "má" no outro, de acordo com a concomitante elaboração de luto implicada.

c) ANSIEDADES PREDOMINANTES

Toda primeira entrevista, predominante na medida em que constitui uma situação nova, desencadeia, no entrevistado, ansiedades do tipo persecutório. Não obstante, esta predominância não elimina o fato de que, no transcurso da mesma entrevista, o entrevistado passe muitas vezes por estados em que predomina outro tipo de ansiedade, mais ou menos transitoriamente.

Para a elaboração do diagnóstico vocacional talvez interesse, mais que o tipo de ansiedade, o grau, o objeto ao qual está ligada, a persistência ou mobilidade e o tipo de mecanismo defensivo que desencadeia.

A classificação dos tipos de ansiedade, derivada da psicanálise argentina, em confusa, persecutória e depressiva, nos parece útil com a

(3) Para a análise da escolha como processo de elaboração de lutos, recomendamos o trabalho da psicóloga L. Wolf (45).

ressalva de que, em muitos casos, o que aparentemente surge como ansiedade confusa diante da carreira, da escolha ou do futuro constitui, na realidade, um derivado de uma ansiedade básica persecutória que — por assim dizer — faz “estourar” os limites do ego, destruindo toda capacidade discriminativa. E é este processo que faz aparecer a confusão, tal como se manifesta nas entrevistas de orientação vocacional, como um modo peculiar de defesa.

Baseando-se no objeto implicado nos vínculos persecutórios, depressivo ou confuso, Leibovich de Duarte (30) propõe a seguinte classificação de “fantasias e temores”, segundo suas manifestações clínicas:

- a) Referentes à auto-imagem (impotência, onipotência, dependência, etc.);
- b) referentes ao futuro (medo do fracasso, aborrecimento, mediocridade, rivalidade e inveja, erros no exercício da profissão, etc.);
- c) referentes à vida universitária (estar superexigido; não conseguir submeter-se ao trote, considerado como rito de iniciação, etc.); e
- d) referentes à escola secundária (desvalorização; não poder discriminar matéria-professor; matéria-faculdade; matéria-profissão, etc.).

d) CARREIRAS COMO OBJETO

Comumente, na primeira entrevista de orientação vocacional, o entrevistado concentra-se no tema das carreiras. Menciona as que prefere e as que repele. Acerta ou confunde a nomenclatura, denominando, às vezes, a carreira com o nome de uma matéria ou da faculdade em que se encontra. Fala das carreiras numa certa ordem, agrupando-as segundo critérios mais ou menos conscientes; liga-as a situações de êxito ou de fracasso, facilidade ou dificuldade, prestígio ou desprestígio, possibilidade de diferenciar-se ou não, etc.

As carreiras constituem o *que* de seu comportamento de opção. Neste sentido, as carreiras podem ser analisadas como objetos do comportamento do adolescente, tanto no presente como no futuro. Estes objetos podem acompanhar, proteger, perseguir, destruir, reparar, esvaziar, frustrar, confundir, superexigir, reter, agredir, etc., na fantasia do sujeito, *independentemente* do que a carreira ou profissão seja “na realidade”. Por isso, na primeira entrevista, interessa-nos mais compreender o tipo de vínculo estabelecido com o objeto-carreira (ou com os objetos-carreiras) do que a coincidência na escolha de três carreiras técnicas ou de duas humanísticas, por exemplo, ou a relação entre as

matérias que lhe agradaram no secundário com a carreira mencionada. Ainda que tudo isto seja útil, interessa mais, em qualquer caso, o vínculo subjacente que determinou a “coincidência”, a “correlação” ou a “contradição” aparente entre as carreiras e qualquer outro fator.

Veremos, aqui, um dado isolado do “emergente” carreira: a quantidade de carreiras que menciona na primeira proposição. Nesta, o adolescente pode não falar de carreira alguma, ou falar de todas, ou de duas, ou de várias carreiras como as preferidas. A respeito delas expressa seus gostos e antipatias e a análise de sua mensagem permite-nos ver a fantasia dominante, as ansiedades e, eventualmente — já na primeira proposição — os mecanismos defensivos com que encarará a opção.

O fato de não mencionar *nenhuma carreira* ou de colocar que nenhuma carreira lhe interessa em especial, revela um mundo externo confuso, não catetizado, no qual o ego imaturo fracassa nas suas tentativas de discriminação. A ansiedade que aparece é muito alta ou muito baixa (produto de um bloqueio intenso). Parece que o próprio ego é o objeto perigoso, que deve limitar negando seus gostos, interesses, motivações e objetivos.

A menção de uma idêntica inclinação por *todas as carreiras* revela-nos um mundo exterior tão confuso como no tipo anterior, com a diferença de que neste *se* está catetizado. O ego é igualmente imaturo, mas possivelmente a deficiência não se dá tanto no momento de seleção (função discriminativa) mas no de escolha (relação mais ou menos permanente com os objetos). A ansiedade manifestada nestes casos é baixa, o que é determinado por um elevado grau de onipotência. Os adolescentes falam de projetos para seguirem, em alguma ordem, *todas* as carreiras que existem.

Quando as preferências enunciadas se referem a duas carreiras, o mundo exterior aparece relativamente claro e diferenciado para o adolescente. Podemos supor que seu ego tem suficiente grau de maturidade para selecionar e escolher. A dificuldade costuma se apresentar no momento de decisão.

A ansiedade predominante é persecutória (conflito divalente) e intensa. De sua resolução dependerá a possibilidade de ser tomada uma decisão.

Quando o adolescente menciona *várias carreiras*, o mundo externo já não aparece em forma divalente, mas *polivalente* e os objetos valiosos para o ego estão dispersos em vários setores do mundo ocupacional. Nestes casos observamos que a ansiedade manifesta é baixa, correlacionando-se, possivelmente, com esta “distribuição” de objetos bons e maus e mostrando certa estereotipia nas defesas.

e) IDENTIFICAÇÕES PREDOMINANTES

Neste momento, referimo-nos aos comportamentos predominantemente cognitivos do adolescente referentes ao "identificar". Trata-se de comportamentos de conhecimento e *reconhecimento* (nas duas acepções do termo) da situação de oportunidade que está vivendo.

Neste ponto, incluímos a análise dos gostos pelas carreiras, dos interesses e das tentativas reparatórias que, da perspectiva adolescente, serão satisfeitos ao decidir-se em favor de uma delas.

Afinal, uma boa escolha depende de identificações não distorcidas onde surja, da análise dos sistemas de atitudes, um confronto entre a fantasia e a realidade: o confronto do ego com o mundo exterior, do conhecido com o desconhecido, do mundo adolescente com o mundo adulto, dos estudos do 2.º grau com os universitários, etc., que o adolescente pode ou não ter realizado por si mesmo. Isto depende de funções do ego, tais como a *adaptação à realidade* (diferenciando figura e fundo, integrando espontaneidade e criação com aceitação de significados culturais, integrando aspectos regressivos e progressivos a serviço do ego)⁽⁴⁾, a *interpretação da realidade* (quanto a uma boa percepção e orientação tempore espacial) e o *sentido da realidade* (quanto a uma boa delimitação entre o ego e o não-ego).

A identidade vocacional não se reduz a um ajustamento satisfatório dessas identificações, mas estas constituem uma condição necessária. Por isso, devem ser diagnosticadas pelo psicólogo o mais cedo possível, afim de prevenir más identificações (pseudo-identificações ou identificações parciais) ou de resolvê-las através da informação ou do esclarecimento, segundo uma estratégia derivada deste primeiro diagnóstico (V. Brea, M. 9).

f) SITUAÇÕES QUE O ADOLESCENTE VIVE

Como qualquer situação de mudança, a escolha do futuro implica sempre num aumento de conflitos. O conflito manifesta-se, em toda opção, como uma dúvida que é necessário resolver. Diante dessa dúvida, os adolescentes passam por quatro situações, descritas como *predilemática*, *dilemática*, *problemática* ou de *resolução*.

Atualmente, julgamos conveniente mudar o termo "tomada de decisão", usado num trabalho anterior (8), pelo de *resolução*. Este tem

(4) V. H. Hartmann (22) e E. Kris (25) para o conceito de regressão a serviço do ego.

a vantagem de não empregar o termo *decisão* em dois contextos distintos (o dos "momentos . . ." e o das "situações") e agregar o tom conotativo de "tornar a solucionar" (re-solução), que é como — do ponto de vista dinâmico — o sujeito realmente atua nesta situação.

Cada situação caracteriza-se por um tipo de relação objetiva, ansiedades predominantes, comportamentos manifestos específicos e mecanismos defensivos característicos.

A situação *predilemática* é aquela por que passa o adolescente que "não se dá conta" de que deve escolher. Estes são os casos em que o adolescente é trazido à entrevista e, uma vez nela, não entende o que se espera dele, qual é a dificuldade que "os outros" supõem que ele tem. Trata-se de uma imaturidade tal que o caso terá que ser encaminhado para um tratamento psicoterapêutico, a menos que na primeira entrevista o adolescente consiga passar desta situação à seguinte (dilemática).

A ansiedade é confusa, baixa; a conduta manifestada é de extrema dependência. Durante a entrevista os adolescentes falam pouco, geralmente respondem às perguntas de forma concisa e seca, sem compromissos afetivos. O problema da orientação vocacional parece não preocupá-los, nem remotamente.

Em qualquer caso, seguindo um padrão de enorme dependência, dizem que aceitariam "submeter-se a um teste", mas só para agradar "à minha família", sem obter nada para si mesmos.

A situação *dilemática* caracteriza-se pela presença de afetos confusos numa pessoa que *se dá conta* de que enfrenta uma dúvida, uma dificuldade num momento de mudança. Os adolescentes que passam por esta situação costumam exibir um comportamento exterior com um elevado grau de ansiedade. As fantasias predominantes são agorafobas ou claustrofobas ("ficar preso entre os pólos do dilema"). Os adolescentes que não conseguem superar esta situação revelam um fracasso bastante profundo em suas funções de discriminação, razão pela qual dificilmente poderão efetuar uma boa *seleção*, para uma posterior decisão.

Do ponto de vista dinâmico, sustentamos a hipótese de que os processos de dissociação são intensos e que a confusão aparente é uma defesa a mais para manter dissociado o objeto ambivalente original.

Para poder se falar de situações *problemáticas* é necessário supor que os mecanismos postos a serviço da dissociação original assumiram um caráter mais instrumental, perdendo sua estereotípia. A situação *problemática* caracteriza-se por um grau elevado de conflito, capaz de

determinar no adolescente uma dinâmica tal que possa superá-lo, integrando seus termos numa síntese superior.

Na situação problemática, o adolescente está realmente *pre-ocupado*. Suas funções (do ego) encontram-se a serviço de uma análise exaustiva da situação. O aspecto manifesto de sua conduta não-lo revela como um indivíduo "disponível", que pode usar sua capacidade para olhar, pensar e agir no que diz respeito a seu mundo futuro.

A situação de *resolução* está caracterizada pela qualidade e pelo grau de ansiedades vinculadas à elaboração normal de um luto (Grinberg 17, 19).

Nesta situação, o adolescente vê reativados seus antigos mecanismos postos a serviço da elaboração de situações de perda. É capaz de reconhecer seu medo e sua tristeza e, inclusive, aleações de ambos os tipos de afeto. Raramente, na primeira entrevista, o adolescente revela que está passando por esta situação. Ao contrário, tal reconhecimento é mais próprio da última entrevista. Seu comportamento exterior é de uma pessoa "cansada, mas contente" quando o seu luto ("o parto", como não poucas vezes o chamam os adolescentes) foi elaborado. Se este ainda não foi concluído, costumam aparecer fantasias ligadas ao fracasso nos estudos ou disposições que acalentam a idéia nostálgica de seguir todas as carreiras. Freqüentemente, emergem defesas (momentâneas), como a regressão (o adolescente, após ter revelado comportamentos maduros e adaptados à realidade, torna a pedir que escolham por ele), a repressão, a negação (de sua própria capacidade de decisão), a idealização. O caráter momentâneo destas defesas surgidas no "último instante" diferencia-as daquelas do mesmo tipo, que podem aparecer na situação predilemática, dilemática ou problemática.

g) FANTASIAS DE RESOLUÇÃO

Denominamos fantasias de resolução àquilo que, num contexto terapêutico, designa-se como "fantasias de cura" (Ulloa, op. cit.). Correspondem às expectativas conscientes ou inconscientes frente ao processo de orientação vocacional. Ou melhor, diante da definição da situação futura imediata, da qual toma parte o psicólogo. Esta definição da situação de orientação integral, é óbvio dizê-lo, componentes transferenciais e estrutura-se, basicamente, em torno de duas ancoragens: uma de *busca* e outra de *repulsa*. Isto quer dizer que o adolescente sente, de maneira consciente ou não, que para poder chegar a escolher e decidir

necessita alcançar objetivos intermediários e eliminar, ou superar, obstáculos intermediários.

Para poder escolher e decidir, o adolescente pode buscar uma ou mais das seguintes situações: a) liberdade de; b) apoio; e c) permissão.

A *liberdade* que o adolescente necessita em sua fantasia (o que necessita realmente) é a dos vínculos de dependência que caracterizam o momento evolutivo que vive. No diagnóstico, o importante é pesquisar como o adolescente acredita que alcançará sua emancipação. Ela assume a forma de competência, rebelião ou submissão às figuras de autoridade que são transferidas ao orientador vocacional.

O *apoio* que o adolescente procura pode manifestar-se de modo direto ou indireto. O primeiro caso aparece com toda a clareza nas proposições do tipo de "vim aqui para que o sr. me diga qual a carreira mais conveniente para mim". As colocações indiretas caracterizam-se pelo pedido de informação sobre a própria pessoa: "O sr. crê que estou apto para tal carreira?", "Será a engenharia realmente minha vocação?".

No caso de que o procurado seja uma *permissão*, os adolescentes aceitarão melhor um contrato cooperativo com o psicólogo, pois o que esperam é uma situação socialmente determinada, na qual possam re-actualizar, numa síntese, as escolhas efetuadas em sua fantasia. É um prolongamento de sua "moratória psicossocial" (Erikson 15), na qual solicitam a participação de um sócio de papel permissivo (o psicólogo).

Nas fantasias de resolução, a repulsa pode estar colocada tanto nos aspectos infantis, como nos adultos. Esta repulsa, que não deve ser analisada somente em termos de identificações, mas também quanto à relação transferencial, serve para elaborar o prognóstico desta relação. O adolescente pode fantasiar o fato de que só pode escolher bem se deixa de lado "as bobagens" de sua adolescência e se converte, de um dia para o outro, num "homem sério"; ou também se comporta como um bom "cliente", deixando de lado suas rebeldias e sua vontade de "fazer o que lhe aprouver".

Quanto ao vínculo transferencial, as modalidades que podem ser detectadas na primeira entrevista e que servem para se elaborar um prognóstico são quatro: *mágica*, *fílio-paterna*, *autôconfiada* e de *aspiração* (segundo Franz Heigl 23).

No primeiro tipo de relação fantasiada, o psicólogo é investido das características de um ser onipotente, que faz tudo pelo adolescente. No que Heigl chama de relação *fílio-paterna*, o adolescente fantasia que se ele, por sua vez, "se comporta bem", o psicólogo deve colocar-se a seu favor, apoiá-lo e aconselhá-lo, aliviando suas dúvidas, conflitos e descon-

fianças. Neste caso, o adolescente aceita de bom grado a instrução, mas esta aceitação baseia-se num pseudo *insight* dela.

A relação *autoconfiada* caracteriza-se por certa dose de onipotência que faz o adolescente acreditar que lhe bastarão duas ou três "idéias" ou "sugestões" do psicólogo para que possa "compô-las sozinho". Neste caso, é possível que o adolescente não chegue a aceitar um contrato que lhe pareça prolongado e, no caso de aceitá-lo, é possível que tente abandonar o processo assim que haja alcançado o momento de *escolha* e antes de chegar ao de *decisão*.

Uma relação transferencial de *aspiração* caracteriza-se pelo *senso de oportunidade* que o adolescente atribui ao processo de orientação. Aceitará o contrato de boa vontade, com o que este implica de momentânea ambigüidade entre seus aspectos dependentes e independentes (na realidade, no contrato pede-se-lhe que aceite ser ajudado e ajudar-se a si mesmo). O vínculo será de cooperação com quem lhe ofereça a oportunidade de aprender a escolher.

O que se torna necessário distinguir neste aspecto do diagnóstico, é o que o adolescente "necessita" e o que "procura". Este último é a fantasia *consciente* de resolução. É o que pede abertamente, o que responde à pergunta: "Que espera você da Orientação Vocacional?".

O que ele realmente necessita pode ser algo bem diferente. Como foi exposto no começo deste trabalho, a demanda mais freqüente é pelo "teste de orientação vocacional". Entretanto, o que é necessitado — como também vimos — é outra coisa. O psicólogo, a partir da demanda, deve reconhecer as necessidades, diagnosticá-las e, eventualmente, fazer com que o adolescente as reconheça como tais.

h) DEUTEROESCOLHA

Define-se, com este termo, o processo de *como escolheu escolher* o adolescente. Foi criado por analogia ao de deuteroprendizagem (aprender a aprender). A deuteroescolha evidencia-se na primeira manifestação do sujeito, que ao formulá-la nos revela, como metamensagem, o que escolheu dizer e o que omitir. Mostra-nos como escolheu enfrentar uma nova situação — a entrevista com o psicólogo.

Pode mostrar-se perigoso diagnosticar a partir da primeira manifestação, como é típico da escolha diante de situações novas, à qual se liga seu comportamento de entrevistado. Entretanto, é lícito supor que haverá certa regularidade no modo em que cada indivíduo defina uma estratégia de opções diante de situações que lhe permitam tomar deci-

sões ou lhe indiquem a necessidade de tomá-las. Admitindo-se a possibilidade de que haja mais de uma estratégia de opção "disponível", defrontamo-nos, pelo menos, com três problemas, que a psicologia geral e a psicologia da personalidade terão que esclarecer: 1) quantas e quais são as estratégias de opção?; 2) como as pessoas meta-aprendem as estratégias de opção que caracterizam seu comportamento e — dada a hipótese — como as pessoas podem empregar diferentes estratégias de opção em diferentes situações?; e 3) pode-se admitir que as pessoas "escolham" escolher de um outro modo?

Embora estas proposições ainda não tenham sido elucidadas, temos observado adolescentes que "escolhem escolher" de uma ou de outra forma, em entrevistas de orientação vocacional. Os vínculos transferenciais que analisamos, a definição da situação que atravessam — formulada por eles mesmos — e suas expectativas quanto a "buscas" ou "recusas" não são outra coisa que descrições parciais da deuteroescolha do entrevistado.

Por outro lado, embora para nós este seja um dos temas mais obscuros dos delineados até aqui, não há dúvida de que é a medula da atividade clínica, enquanto se refere à orientação vocacional, pois, o que é a orientação vocacional senão a oportunidade de aprender a escolher, a decidir? E, onde se assenta, senão ali, seu papel psicoprofilático fundamental?

Não podemos oferecer, nesta altura, mais que um conceito (demasiadamente geral, é certo) sobre o qual vale a pena centralizar os objetivos diagnósticos.

O prognóstico em orientação vocacional

Dissemos que a característica primordial do primeiro diagnóstico é o seu caráter funcional. A funcionalidade de um diagnóstico é a possibilidade de traçar, sobre a base do referido diagnóstico, um prognóstico a respeito do comportamento do entrevistado.

Para o prognóstico, consideramos os seguintes itens, alguns dos quais já vimos anteriormente:

a) *Estrutura da personalidade*, que — segundo Bleger (3) — definimos como "um esquema ou modelo típico de relações do indivíduo com o ambiente, que se expressa segundo o objeto e o vínculo, as defesas e a área fenomenológica predominantes".

Interessam-nos tanto os aspectos *genéticos* como os *dinâmicos* e *estruturais*, não por entender que a cada tipo de personalidade corresponde esta ou aquela carreira, mas porque a personalidade é o contexto mais amplo em que se insere o comportamento de escolha. Usamos a terminologia e o padrão fornecidos por Bleger, em sua *Psicologia do Comportamento*, mas não nos interessa tanto a nosologia como o grau de saúde ou enfermidade, que determinará a decisão de considerar ou não um processo de orientação vocacional.

b) *Manejo da crise adolescente*. Na medida em que a orientação vocacional compreende a tomada de decisões a respeito da assunção de papéis ocupacionais adultos, a análise da crise adolescente, tal e qual se produz no entrevistado, permitirá prognosticar a possibilidade, que ele tenha, de adaptar-se, tanto ao processo de orientação vocacional (incluindo as probabilidades de êxito deste), como às exigências do mundo adulto, em termos de estudo ou de trabalho.

Fundamentalmente, devemos considerar o diagnóstico das relações familiares e das situações de aprendizagem, embora elas não esgotem os parâmetros de definição da situação evolutiva que atravessa.

c) *Histórico escolar*. Esclarece o tipo de vínculos com as situações de aprendizagem, tanto no que se refere a rendimento como as relações interpessoais. Permite prognosticar como será o desempenho do adolescente na universidade; prognóstico que não se baseará em que "se no secundário saiu-se bem em determinadas matérias, então dar-se-á bem em tal e qual carreira", como costumam fantasiar os adolescentes (e os psicólogos), mas no fato provável de que o adolescente considerará a situação universitária obedecendo a padrões identificativos adquiridos em sua passagem pelo secundário. Fá-lo-á, discriminadamente ou não, segundo o êxito do processo de orientação vocacional.

d) *História familiar*. Permite prognosticar tanto os sistemas valorativos diante das carreiras e profissões derivadas da classe social a que pertence, como os tipos de identificações familiares que, no que diz respeito à escolha de carreiras, havíamos assinalado em outro trabalho (Bohoslavsky 8). É esta uma das dimensões mais importantes para o diagnóstico da identidade vocacional (Erikson 13, 14).

e) *Identidade vocacional e ocupacional*. Foram definidas no capítulo I. Sua descrição e diagnóstico são o melhor meio para se traçar uma estratégia, uma tática e uma técnica no processo de orientação vocacional.

f) *Maturidade para escolher*. Este é um conceito difícil de definir. Apesar de tudo, sobre as bases do que expressamos anteriormente, a

maturidade pode ser pesquisada a partir do *momento* que atravessa (seleção, escolha, decisão); da *situação* (predilemática, dilemática, problemática ou resolução); da *deuteroescolha* e das *fantasias de resolução*, especialmente de vínculo transferencial (mágico, paterno-filial, autoconfiado ou de aspiração), que determinam ou descrevem sua atitude diante do processo de orientação vocacional.

Tendo-se em conta estes seis itens, elabora-se o prognóstico com respeito à "orientabilidade" do cliente. Entendemos, por orientabilidade, a possibilidade de adequar-se ao quadro de trabalho que definimos como modalidade clínica e que tende a prevenir más identificações vocacionais e ocupacionais, ou resolver os conflitos entre identidades ocupacionais contraditórias.

O prognóstico permitirá, ao psicólogo, decidir não só qual será a estratégia de seu trabalho, mas também se irá enfrentar ou não a orientação vocacional desse adolescente.

Além disso, esta última decisão depende do primeiro diagnóstico e do prognóstico derivado deste e de outros dois fatores: *ambientais* e *profissionais*.

Entre os fatores ambientais incluímos, fundamentalmente: a) os fatores *familiares* (a família apóia, repele ou é indiferente ao processo de orientação, tal como é proposto pelo psicólogo); e b) os fatores *institucionais* (se o profissional trabalha de modo independente, numa instituição particular ou pública, gratuita ou paga, etc.).

Por fatores *profissionais* entendemos a capacidade e a experiência do psicólogo para atender um caso específico. Mas, o fator fundamental é a sua própria identidade profissional, pois ela será posta em jogo a cada entrevista, configurando os componentes contratransferenciais das situações do processo. O tema é examinado no capítulo V.

A decisão de enfrentar ou não um processo de orientação vocacional com o cliente baseia-se, especificamente, nas respostas que o psicólogo dê às seguintes perguntas:

1) Tem, o adolescente, possibilidade de adquirir sua identidade ocupacional, sem uma modificação substancial da estrutura de sua personalidade (o que requereria superar um excessivo acúmulo de resistência de sua parte)?

2) Tem maturidade para tomar uma decisão quanto a seu futuro profissional?

3) Tem possibilidade de empregar sua percepção, pensamentos e ação a serviço do princípio de realidade; de prever dificuldades, alcançar

sínteses, tolerar frustrações, ter *insight*, isto é, tem um ego *basicamente* são?(5)

4) Sou a pessoa mais indicada para ajudá-lo?

5) É este o momento mais adequado para que se inicie seu processo de orientação vocacional?

Os testes em orientação vocacional

A proposição diagnóstica que esboçamos e a ênfase que atribuímos à importância da análise da primeira entrevista poderiam conduzir a um erro quanto à desvalorização dos testes mentais como fonte de informação.

Consideramos ilusória a suposição de que sempre se pode prescindir de instrumentos psicométricos ou projetivos na elaboração do diagnóstico em orientação vocacional.

Não obstante, é preciso advertir, mais uma vez, que os testes têm um papel instrumental na tarefa clínica e que, como tais, subordinam-se aos fins do psicólogo, convertendo-se em valiosos instrumentos, quando este tem consciência do seu emprego, ou em empecilhos no exercício de seu papel, quando transfere aos testes a tarefa reparadora ou preventiva.

A boa utilização dos testes supõe, não só, que se conheça seus fundamentos teóricos e sua característica de validade e fidedignidade, como também que se saiba *para que* são aplicados.

No campo da orientação vocacional clínica, os testes podem desempenhar uma função valiosa, mas *nunca poderão substituir a função do psicólogo*. Por outro lado, é conveniente destacar que *não existem testes de orientação vocacional*. Existem, sim, testes que, por suas características, permitem ao psicólogo proporcionar dados sobre aspectos mais ou menos específicos da personalidade do sujeito.

Em qualquer caso, a seleção da bateria a ser empregada pressupõe um pré-diagnóstico, pois quanto mais claras forem as perguntas, mais ajustada será a avaliação deste e tanto mais o teste se ajustará a seu papel instrumental. Concordamos com Tavella (41), quando afirma que "é um erro grosseiro identificá-la (a orientação vocacional) com a apli-

(5) Esta pergunta envolve a enorme dificuldade de ter que discriminar entre saúde e doença e de ter que fazê-lo num caso atinente a um adolescente, fato que a torna ainda mais problemática.

cação de uma bateria de testes psicológicos". Entretanto, o fato de que os testes "proporcionam uma informação objetiva e comparável de um conjunto de aspectos da personalidade do examinado", não justifica que seja "a partir daí (da informação mais rica) que comece o processo de orientação vocacional propriamente dito". O processo de orientação vocacional começa na primeira entrevista e a aplicação de testes psicológicos integra-se a ela, *se o psicólogo o considera necessário* e com a finalidade de que o psicólogo tenha uma "informação mais rica".

Como assinala Tavella, a "tomada de consciência" que é imprescindível para uma boa escolha, não dependerá da informação obtida pelos testes, mas da validade, aceitação e elaboração das interpretações que o psicólogo formule ao entrevistado sobre seu comportamento, durante o processo de orientação.

Portanto, os testes são instrumentos que servem ao psicólogo, mas não a quem consulta ("como uma radiografia a um médico...").

Do ponto de vista clínico, também devemos prestar atenção ao significado dado pelo entrevistado à aplicação de testes psicológicos, pois o comportamento do sujeito, numa situação de teste, também tem seu "texto", "contexto" e "subtexto".

Dada a amplitude do tema, que ultrapassa os limites deste trabalho, limitamo-nos a assinalar, *tão-somente*, alguns significados que o teste pode assumir para o sujeito.

Em primeiro lugar, o teste pode ser um objeto *idealizado* — portanto esperado — e, no momento de sua aplicação, converter-se num objeto *persecutório* que invade e "rouba" o sujeito. Denominamos estas fantasias, respectivamente, de "a bola de cristal" e de "o detector de mentiras".

Em outros sujeitos, as fantasias persecutórias que o teste desperta, podem estar acompanhadas de leves sentimentos de despersonalização, nos quais o teste é considerado como "uma caixa forte, onde o psicólogo tem guardadas coisas minhas".

O teste pode ser visualizado, também, como um acompanhamento contráfobo, desde que o objeto fóbigeno seja o futuro ("se o teste diz que posso seguir o que me agrada, quer dizer que escolhi bem") ou o psicólogo ("estou de acordo com o que diz das entrevistas, mas não vai me fazer um teste para as dúvidas?"). Chamamos a primeira fantasia de o teste "fantasia da pitonisa" e a segunda de "fantasia do andarilho".

Também para o psicólogo o teste pode ser depositário de diferentes tipos de fantasia. Basicamente, para ele, o teste é: a) um acompanhante contráfobo, que lhe permite tomar distância do adolescente

(geralmente o que mais se teme é a confusão e, a racionalização típica é: "quero ser objetivo"); e b) uma "ponte" que lhe permite estabelecer um vínculo com o adolescente, para "poder entender".

Tanto nestes, como noutros casos em que a aplicação da bateria se converte num verdadeiro ritual, tratar-se-ia das deficiências na identidade profissional e do mecanismo defensivo, tendentes à sua recuperação. Examinaremos este ponto no capítulo V.

Não nos parece necessário apresentar, neste trabalho, uma lista dos testes que podem ser usados em orientação vocacional, se o *psicólogo entender conveniente*.

De acordo com nossa experiência, quando surgem dúvidas diagnósticas, usamos os seguintes testes: Weschler; Phillipson ou T.A.T.; Desiderativo; Par, Trio ou Família (segundo o caso); Minhas Mãos; Kuder; D.A.T.

Quando a tarefa se realiza no âmbito escolar, recorremos ao sociograma, que não só proporciona informação diagnóstica sobre as relações interpessoais do adolescente, como também informação prognóstica quanto à constituição dos grupos para a tarefa futura.

Ultimamente, julgamos de fundamental importância avaliar especialmente as respostas dadas às lâminas em branco do T.A.T. e do Phillipson, que parecem se correlacionar estreitamente com as respostas ao Desiderativo. Além disso, elaboramos um teste de frases incompletas, adequadas à situação de escolha, cuja confiabilidade e validade estavam sendo investigadas numa população de cem sujeitos.

Teste de frases incompletas para exploração da identidade vocacional:

- 1) Sempre gostei de
- 2) Acho que, quando for maior, poderei
- 3) Não consigo me ver fazendo
- 4) Meus pais gostariam que eu
- 5) Se estudasse
- 6) Escolher sempre me fez
- 7) Quando era criança queria
- 8) Os rapazes da minha idade preferem
- 9) O mais importante na vida é
- 10) Comecei a pensar no futuro
- 11) Nesta sociedade vale mais a pena do que
- 12) Os professores acham que eu
- 13) No curso secundário sempre
- 14) Quanto às profissões, a diferença entre moças e rapazes é

- 15) Minha capacidade
- 16) As garotas da minha idade preferem
- 17) Quando fico em dúvida entre duas coisas
- 18) A maior mudança na minha vida foi
- 19) Quanto penso na Universidade
- 20) Sempre quis mas nunca poderei fazê-lo
- 21) Se eu fosse poderia
- 22) Minha família
- 23) Meus colegas pensam que eu
- 24) Estou certo de que
- 25) Eu

Uma palavra final sobre a orientação vocacional clínica

O que dissemos até aqui a respeito do diagnóstico em orientação vocacional só tem sentido a partir da perspectiva esboçada no começo deste livro.

A ênfase na estratégia clínica e muitas das proposições formuladas induziram muitos a pensar que este modo de entender a orientação vocacional confundia seus limites com a psicoterapia. Talvez a delimitação que se pretende estabelecer hoje não seja tão clara como seria desejável e, possivelmente, tal situação derive de muitos fatores, entre outros, e não o menos importante, a falta de uma tradição em psicologia de campo, na Argentina. Esta falta de tradição pode ter conduzido muitos profissionais à necessária opção entre uma "numerografia" desumanizada e as contribuições de uma psicologia mais "psicanalítica".

Embora a diferença entre orientação vocacional e psicoterapia não possa ser nitidamente traçada, pelo menos existe consciência dos objetivos perseguidos pela primeira.

Talvez mais importante do que levar a termo a escolha de uma carreira, seja levar a bom termo a escolha de um futuro (seja estudo ou trabalho). A diferença acha-se na *aprendizagem de como escolher*, que é o objetivo fundamental da orientação vocacional.

Um cartaz do D. O. V. da Universidade de Buenos Aires popularizou esta frase: "A carreira depende da largada". Acreditamos mais que a "carreira", que excede os limites do estudo universitário, depende da possibilidade de o indivíduo adotar decisões autonomamente (na mais ampla acepção do termo).

Neste sentido, talvez, a tarefa seja mais psicoprofilática do que psicoterapêutica, embora a remoção de obstáculos para se chegar a uma "boa" escolha implique, possivelmente e em certo sentido, numa atividade "terapêutica".

Em síntese, a orientação vocacional perseguiria dois tipos de objetivos: um observável, que consistiria na definição de uma carreira ou um trabalho e dois não observáveis diretamente, que se referem, por um lado, à *deuteroescolha*, considerando-se que a orientação vocacional permite ao adolescente aprender a escolher e, por outro lado, à promoção da *identidade vocacional*, portanto, de sua identidade pessoal.

Em função dos objetivos que delineamos, a estratégia, a tática e a técnica a empregar caracterizam-se por: uma *modalidade* clínica, no sentido esboçado anteriormente; uma *intenção "não diretiva"*, no sentido rogeriano e, além disso, comprometida com pressupostos filosóficos a respeito da liberdade humana; *objetivos fundamentalmente prospectivos* e, em tal medida, *psicoprofiláticos*, que se apóiam em conhecimentos científicos e racionais, ainda quando haja muito por fazer no terreno da conceitualização e sistematização teórica (com o que nos descartamos da improvisação em orientação vocacional).

Em relação à sistematização teórica e ao esclarecimento dos quadros de referência, consideramos oportuno explicitar a orientação *dinâmica* que norteou esta perspectiva da tarefa diagnóstica.

Por orientação dinâmica entendemos, concordando com Mowrer e Kluckhorn (32):

- a) que o comportamento humano é *funcional* e que, portanto, a análise do comportamento humano deve incluir sua finalidade;
- b) que o comportamento sempre implica em conflito ou em *ambivalência*, o que vale dizer que o conflito é inerente à vida humana, mas não necessariamente como patologia, e sim, possivelmente, como a expressão — em nível humano — da contradição que existe na natureza;
- c) que o comportamento só pode ser entendido em relação ao contexto no qual se produz, ou melhor, que sua significação transcende os limites da pessoa e inclui os contextos situacionais, entre os quais tem primazia hierárquica a relação inter-humana; e
- d) que o ser humano orienta seu comportamento no sentido de uma *integração* ou harmonia interna progressiva, que está submetida a vicissitudes vitais, das quais a escolha do futuro — a escolha de carreira — não é a mais importante.

Este capítulo não é mais do que uma tentativa de concretizar elementos para uma sistematização da técnica de diagnóstico em orienta-

ção vocacional. Neste sentido, pretendemos somente proporcionar algumas aberturas, na convicção de que, para os psicólogos — como também para o adolescente que escolhe — são válidos aqueles versos de Machado:

*Caminhante, não há caminhos;
faz-se o caminho ao andar.*

Referências bibliográficas

- (1) Ackerman, Nathan — *Diagnóstico y tratamiento de las relaciones familiares*. Hormé, Buenos Aires, 1961.
- (2) Beil, H. — "Ego Involvements in Vocational Decisions", em *The Personnel and Guidance Journal*. Maio de 1960.
- (3) Bleger, José — *Psicología de la conducta*. EUDEBA, Buenos Aires, 1963.
- (4) Bleger, José — "La entrevista psicológica", em *Temas de psicología. Entrevista y grupos*. Nueva Visión, Buenos Aires, 1972.
- (5) Bleger, José — *Simbiosis y ambigüedad*. Paidós, Buenos Aires, 1967.
- (6) Blos, Peter — *On Adolescence, a Psychoanalytic Interpretation*. The Free Press of Glencoe.
- (7) Bohoslavsky, Rodolfo — "Aspectos teóricos de la entrevista en Orientación Vocacional", em *Actas de las Primeras Jornadas Argentinas de Orientación Vocacional*. U.B.A., 1965.
- (8) Bohoslavsky, Rodolfo — "Hacia un modelo de la orientación vocacional centrado en el concepto de identidad vocacional". *Ibidem*.
- (9) Brea, M., Sturm, N. e López, S. — "La información ocupacional como etapa del proceso de elección vocacional". *Ibidem*.
- (10) Bruner, Goodnow e Austin — *A Study of Thinking*. Science Editions. New York, 1962.
- (11) Casullo de Zubieta — "El uso de los tests en Orientación Vocacional", em *Actas de las Primeras Jornadas Argentinas de Orientación Vocacional*. U.B.A., 1965.
- (12) Cortada de Kohan, Nuria — *Investigación piloto para el estudio de las motivaciones vocacionales*. Departamento de Orientación Vocacional, Buenos Aires, (edição mimeografada).
- (13) Erikson, Erik — "Identidad del yo y cambio histórico", em *Psychological Issues*. Vol. 1, n.o 1, pp. 18, 49.
- (14) Erikson, Erik — "El problema de la identidad del yo", em *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*. 1963, t. 5, n.o 2-3.
- (15) Erikson, Erik — *Infancia y sociedad*. Hormé, Buenos Aires, 1959.
- (16) Ginzberg, E., Ginsburg, S. W., Axelrad, S. e Herma, J. L. — *Occupational Choice: General Theory*. Columbia University Press, New York, 1964.
- (17) Grinberg, León — *Culpa y depresión*. Paidós, Buenos Aires, 1964.
- (18) Grinberg, León — "Si yo fuera usted . . .", em *Revista de Psicoanálisis*. Buenos Aires, t. XIV, n.o 4.
- (19) Grinberg, León — "El individuo frente a su identidad", em *Revista de Psicoanálisis*. Buenos Aires, t. XVIII, n.o 4.
- (20) Haley, J. — *Estrategias en psicoterapia*. Toray-Masson, Madri, 1966.
- (21) Harari, Roberto — "Síntesis de algunos conceptos básicos de la teoría psicoanalítica Kleiniana", *Revista Argentina de Psicología*. 1970, ano 1, n.o 2.
- (22) Hartmann, Heinz — *La psicología de Yo y el problema de la adaptación*. Pax, México, 1961.
- (23) Heigl, Franz — "Estructura de la personalidad y pronóstico", em *Revista de Psicoanálisis, Psiquiatría y Psicología*. Set.-dez. de 1965, México.

- (24) Hesnard, A. — *Psicoanálisis del vínculo interhumano*. Proteo, Buenos Aires, 1968.
- (25) Kris, Ernest — *Psicoanálisis de lo cómico*. Paidós, Buenos Aires, 1964.
- (26) Kris, Ernest — *Psicoanálisis del arte y del artista*. Paidós, Buenos Aires, 1964.
- (27) Lagache, Daniel — "Algunos aspectos de la identificación", em *Bulletin International des Sciences Sociales*. UNESCO, 1955, vol. VII, n.o 1.
- (28) Leibovich de Duarte, Adela — "El logro de la identidad vocacional como un aspecto de la consolidación de la identidad", em *Actas de las Primeras Jornadas Argentinas de Orientación Vocacional*. U.B.A., 1965.
- (29) Leibovich de Duarte, Adela — "Evolución de los intereses vocacionales". *Ibidem*.
- (30) Leibovich de Duarte, Adela — "Fantasías y temores frente a la elección vocacional". *Ibidem*.
- (31) Liberman, David — *La comunicación en terapéutica psicoanalítica*. EUDEBA, Buenos Aires, 1962.
- (32) Mowrer, O. H. e Kluckhohn, C. — "Teoría dinámica de la personalidad", em *Personality and the Behavior Disorders*. Hunt, 1944.
- (33) Palacios, A., Ramírez, S. e Valner, G. — *Psicoanálisis: la técnica*. A.P.M., México, 1963.
- (34) Pittenger, Hockett e Danehy — *The First Five Minutes: a Sample of Microscopic Interview Analysis*. Paul Martineau, New York, 1960.
- (35) Rogers, C. — *Psicoterapia centrada en el cliente*. Paidós, Buenos Aires, 1966.
- (36) Ruesch, J. — *Comunicación terapéutica*. Paidós, Buenos Aires, 1964.
- (37) Stone, S. — "The Militant Counselor", em *The Personnel and Guidance Journal*. Dez. 1963.
- (38) Super, D. — *Psicología de los intereses y las vocaciones*. Kapelus, Buenos Aires, 1967.
- (39) Super, D. — *Vocational Development: a Framework for Research*. Teacher's College, Columbia University, New York, 1957.
- (40) Tavella, Nicolás — *La orientación vocacional en la escuela secundaria*. EUDEBA, Buenos Aires, 1962.
- (41) Ulloa, Fernando — *El método clínico en psicología*. Publicações do Depto. de Psicología, Buenos Aires (Ficha n.o 148).
- (42) Ulloa, Fernando — *La entrevista operativa*. *Idem* (Ficha n.o 150).
- (43) Wagman, M. — "Sex and Age Differences in Occupational Values", em *The Personnel* . . . Nov. de 1965.
- (44) Wolf, Lucía — "La elección vocacional entendida como elaboración de un proceso de duelo", em *Actas de las Primeras Jornadas Argentinas de Orientación Vocacional*. U.B.A. 1965.
- (45) Zytowsky, D. — "Avoidance Behavior in Vocational Motivation", em *The Personnel* . . . Abril de 1965.

III

A ENTREVISTA DE ORIENTAÇÃO VOCACIONAL

"O lugar da alma é onde se tocam o mundo interior e o exterior. Porque ninguém se conhece, a si mesmo, se é só ele mesmo e não também o outro, ao mesmo tempo."

Novalis

Brammer e Shostrom (12), em seu livro *Psicologia Terapêutica*, estabelecem que: "... a escolha vocacional tem sido considerada, historicamente, como guia vocacional — um processo para ajudar o cliente a escolher, e preparar-se para triunfar numa determinada ocupação. Este processo centralizou-se na entrevista, que consistia, em grande parte, em examinar os dados do cliente e procurar as possibilidades de ocupação, para encontrar um objetivo específico, após o qual formulava-se um plano de estudo para alcançá-lo. Embora este raciocínio seja básico, produziram-se mudanças recentes na percepção do significado da entrevista vocacional".

Este capítulo tem, como objetivo, examinar essas mudanças e, especialmente, a entrevista como principal instrumento ou técnica, de que se vale o psicólogo para diagnosticar e colaborar com o adolescente na solução dos seus problemas vocacionais.

A entrevista de orientação vocacional é uma situação de interação humana, na qual um dos participantes está capacitado, científica e tecnicamente, para exercer o papel de entrevistador.

Examinar a entrevista de orientação vocacional implica em rever, embora sumariamente, as características gerais de qualquer entrevista psicológica, analisando os conceitos que fundamentam uma teoria da técnica de entrevista antes do que a contribuição de receitas técnicas —